

EUA pressionam bancos para que emprestem ao Terceiro Mundo

por Alexander Nicoll
do Financial Times

Os Estados Unidos intensificaram ontem a pressão sobre os bancos comerciais para que adotem uma atitude mais flexível no fornecimento de novos financiamentos aos países em desenvolvimento.

David Mulford, subsecretário do Tesouro para assuntos internacionais, pediu aos principais bancos credores para desenvolverem um "leque de opções" mais amplo, que poderão oferecer aos outros bancos como um meio de encorajá-los a continuar participando de novos empréstimos.

Falando durante uma conferência sobre as trocas de dívidas por capital, Mulford afirmou: "Devemos encarar o fato de que maior flexibilidade no planejamento de novos pacotes financeiros poderá, na realidade, ser essencial aos futuros consórcios de bancos".

Entre as alternativas a serem consideradas pelos bancos estão financiamentos comerciais ampliados e empréstimos para projetos e investimentos de capital através de trocas de dívida e por meio de fundos mútuos.

Iniciativas como a atual proposta das Filipinas de pagamento parcial dos juros em notas promissórias negociáveis "devem ser examinadas atentamente", afirmou.

Opções capazes de vencer a relutância dos bancos em fazer novos empréstimos são preferíveis aos chamados veículos de "saída" — instrumentos financeiros que permitirão aos credores menores vender sua dívida de um país em desenvolvimento — que

estão sendo propostos atualmente. Entre estes se incluem os bônus de saída recentemente propostos pela Argentina.

Os bancos de países diferentes podem adotar simultaneamente atitudes diferentes, contanto que o valor do financiamento por eles oferecido aos países devedores seja equivalente às suas obrigações dos novos pacotes de empréstimos.

Embora possa haver também outros mecanismos de reescalonamento que reduzam as necessidades de dinheiro novo por parte dos países devedores, "novos empréstimos serão ainda necessários e deverão ser acelerados igualmente pelos devedores e pelos bancos comerciais".

Os comentários feitos por funcionários norte-americanos a respeito da proposta filipina aumentaram a pressão sobre os bancos para que aceitem o que muitos consideram um princípio indesejável, isto é, receber papéis em lugar de juros em dinheiro.

Mulford disse que, apesar disso, as Filipinas "pa-

recem estar muito próximas" de um acordo com os bancos para reescalonamento da dívida. Ao que parece, as conversações marcadas para a última quarta-feira foram adiadas e ainda não se sabia se seriam reiniciadas ontem.

Notando a relutância dos bancos em comprometer-se com um empréstimo de US\$ 7,7 bilhões ao México — a adesão dos bancos chega agora a 97% — Mulford pediu aos bancos para resolverem as divergências que atrasaram até agora a concretização desse empréstimo.

Alguns bancos mostraram que não estavam dispostos a cumprir seu compromisso de participar do empréstimo, enquanto todos os outros bancos credores não aderissem ao pacote.

(Mulford afirmou que a estratégia para o problema da dívida externa se baseia na necessidade fundamental de um crescimento econômico firme e sustentado nos países devedores, um requisito indispensável para resolver a crise do endividamento, informou a UPI.

Mulford, que dessa forma manifestou pontos de vista coincidentes com os de países latino-americanos, criticou os bancos privados, dizendo que poderiam fazer mais para enfrentar o problema.

Assinalou que, para alcançar o objetivo do crescimento, também são essenciais o desenvolvimento e a implementação, por parte das nações em desenvolvimento, de reformas políticas orientadas para o cres-

cimento, incluindo elementos "macroeconômicos e estruturais". Destacou ainda que "as nações devedoras estão enfatizando cada vez mais a importância do crescimento gerado pelo mercado e adotando as reformas necessárias para alcançá-lo".)

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP/Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times, de Londres, Advertising Age, de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's, de Nova York, El Cronista Comercial e a revista Mercado de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolineas Argentinas.